



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7379 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

NARRATIVAS E A IDEIA DE CURRÍCULO: POSSIBILIDADES PARA A DECOLONIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Pedro Alves Castro - UFF - Universidade Federal Fluminense

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

NARRATIVAS E A IDEIA DE CURRÍCULO: POSSIBILIDADES PARA A DECOLONIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

O campo do currículo apresenta-se de maneira diversa, por suas várias abordagens e perspectivas que proporcionam reflexões sobre as relações que constituem a seleção do conhecimento. Silva (2014) apresenta um panorama sobre as vertentes e teorias que construíram/constrói reflexões importante sobre o currículo, cada uma com sua possibilidade para pensar a relação entre a seleção de conhecimentos e a formação dos sujeitos. Neste cenário, a partir da teorização crítica do currículo e do campo decolonial, acreditamos que é necessário estudos que problematizem a condição colonial na qual o Brasil esteve/está submetido. Assim, o objetivo deste estudo é analisar as narrativas enquanto possibilidade para a compreensão da ideia de currículo.

Metodologicamente, recorreremos a proposta da revisão de literatura, no intuito de construirmos uma análise crítica sobre os eixos deste estudo. De acordo com Gomes e Caminha (2014) a revisão de literatura se caracteriza enquanto uma pesquisa que busca através do levantamento de fontes bibliográficas sobre um determinado tema ou temas, reunir produções, no intuito de tecer outras possibilidades de reflexões e entendimentos.

O primeiro fato que devemos problematizar é a expansão marítima da Europa. Movimento que se fundamentou não apenas na escravização e exploração das terras alheias, mas pela ideia de superioridade europeia. Bernadino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2019) asseveram que a partir do sujeito cartesiano, proposto a partir da máxima “Penso, logo existo”, há a reafirmação do binarismo humano/não humano, assim, se a partir do meu pensar eu existo, ou seja, ao considerar a minha condição racional, eu existo, entretanto, haveria aqueles sem essa condição.

Ao reanalisarmos a máxima cartesiana, podemos construir outras reflexões que permeiam a existência dos sujeitos, como a construção do conhecimento científico. Assim, faz-se necessário refletirmos que segundo o sujeito cartesiano, ao pensar “reafirmo” a minha condição de existência, no entanto, é preciso questionar o que devo pensar para que a minha existência seja reconhecida, ou quais os conhecimentos me faz existir, na dimensão

individual e perante o outro. A partir desses questionamentos iniciais, e que não encerram em si mesmo, a intencionalidade não é romantizar ou nos colocarmos na condição dos tolerados, mas que tensionamentos e disputas sejam acirradas no âmbito da sistematização curricular, na possibilidade da seleção de outros conhecimentos.

Kilomba (2019) nos chama a atenção para o silenciamento, que tem por natureza um caráter violento, invasivo e que massacra. O silenciamento enquanto imposição violenta para o não falar, artifício consolidado na colonização através da máscara e que tem no retrato da escrava Anastácia um exemplo realista da brutalidade da escravidão. O silenciamento do outro, não se resume apenas na imposição física e violenta da não autorização para o falar, esse silêncio é a anulação da existência do outro. Hoje, esse silenciamento ainda se manifesta, através dos episódios diários de racismo, homofobia, intolerância religiosa, desigualdade social e na construção do currículo.

No âmbito do currículo e do conhecimento o silenciamento também é uma característica presente, apesar de algumas conquistas recentes como a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 (BRASIL, 2003), que dispõe sobre o ensino de história e cultura afro-brasileira e da Lei nº 12711, de 29 de agosto de 2012 (BRASIL, 2012), que dispõe sobre o acesso as Universidades e Institutos Federais de Ensino. No entanto, é necessário uma decolonização destas instituições, no âmbito do saber, do poder e do ser, que possa fomentar não apenas a entrada e permanência, mas que a produção científica e os saberes ancestrais, dos índios e negros, sejam oportunizados e contemplados nos currículos.

O silenciamento precisa ser tencionado em todos os âmbitos para que outras narrativas sejam oportunizadas nos espaços públicos, assim como, nos processos de construção curricular. Observamos que os processos de sistematização curricular na maioria das ocasiões se caracterizam pela eventualidade de suas agendas de mobilização, restringindo a participação e reflexão sobre o currículo em datas previamente marcadas e geralmente, sensibilizadas por algum movimento político de tensionamento sobre a escola pública e de culpabilização dos professores.

De acordo com Souza (2011) as narrativas, em sua dimensão de interação com a memória, apresentam-se enquanto oportunidade singular para a compreensão dos aspectos sócio-históricos da educação. Assim, ao narrar, o professor poderá trazer suas experiências cotidianas, vivenciadas no espaço escolar e em sua vida particular, dessa maneira, poderão contribuir de maneira significativa para pensar o currículo e a sua efetivação a partir das práticas pedagógicas da sala de aula. Além disso, as narrativas reapresentam o lócus de enunciação dos sujeitos, que ao dialogar com outras proposições epistemológicas, poderão tencionar as grandes narrativas ocidentais europeias. Desta maneira, a dimensão do vivido, auxiliará para entendermos de outras maneiras a constituição dos processos, decolonizando-os e propondo outras alternativas para a formação dos sujeitos.

Segundo Souza (2020) vivemos e narramos as nossas experiências a partir da nossa condição perante os fatos. Ao narrar, a dimensão reflexiva abre a possibilidade para a formação e deformação dos sujeitos, o compartilhamento das reflexões e a reverberação das experiências colocam-se enquanto elementos de denúncia, problematização e análise, sobre a realidade vivenciada e os objetos nos quais estabelecemos sentidos e significados.

Logo, ao consideramos as narrativas enquanto possibilidade para a compreensão das ideias de currículos e os seus modos de manifestação, poderemos nos aproximar de outros conhecimentos, e assim, pensarmos e propormos outras alternativas para a formação dos

sujeitos, considerando os projetos locais e globais, para a libertação dos mesmos.

Palavras-chave: Currículo. Narrativas. Decolonização.

REFERÊNCIAS

BERNARDINO-COSTA, Joaze.; MALDONADO-TORRES, Nelson.; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. In: _____ BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. p. 9-26, 2019.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências, Brasília, DF, 29 ago. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 02 ago. 2020.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 . Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm . Acesso em: 02 ago. 2020

GOMES, Isabelle Sena; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Guia para estudo de revisão sistemática: uma opção para as ciências do movimento humano. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 395-411, 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação-** Episódios de racismo cotidiano. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 15. Ed.- Petrópolis: Vozes, 2014.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Narrativas de vida-morte e pandemia: diálogos (im)pertinentes. Webnário Teóricas e Práxis (Auto)biográficas. Plataforma Google Meet. 25 de agosto de 2020.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão- narrar a vida. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 213-220, maio/ago. 2011.